

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE – IFC- CAMPUS ARAQUARI

FERNANDA MAX

GABRIEL MORÁS RAVANELLO

JOÃO ARNALDO PEREIRA CRUZ

LETÍCIA MACHADO PACKER

LUCAS FELIPE DE CARVALHO DOS SANTOS

LUIZ FERNANDO FONSAKKA DE BRAGA

**A FORMAÇÃO DE IMBITUBA/SC E BARRA VELHA/SC A PARTIR DA CAÇA E
EXPLORAÇÃO AS BALEIAS**

.

ARAQUARI/SC

2016

**FERNANDA MAX
GABRIEL MORÁS RAVANELLO
JOÃO ARNALDO PEREIRA CRUZ
LETÍCIA MACHADO PACKER
LUCAS FELIPE DE CARVALHO DOS SANTOS
LUIZ FERNANDO FONSAKKA DE BRAGA**

**A FORMAÇÃO DE IMBITUBA/SC E BARRA VELHA/SC A PARTIR DA CAÇA E
EXPLORAÇÃO AS BALEIAS**

Trabalho final do Projeto Integrador apresentado ao Instituto Federal Catarinense – Campus Araquari como parte complementar à matriz curricular do Curso Técnico em Química Integrado ao Ensino Médio orientado pelo Prof. Giovani Felipe .

ARAQUARI/SC

2016

RESUMO

A FORMAÇÃO DE IMBITUBA/SC E BARRA VELHA/SC A PARTIR DA CAÇA E EXPLORAÇÃO AS BALEIAS

A caça às baleias no período de 1850 a 1950 na região norte de Santa Catarina foi um período que marcou a história da região em diversos sentidos. Naquele tempo havia uma alta perseguição as baleias em busca de suas propriedades, tanto do óleo quanto dos outros recursos pela mesma fornecida, os quais mantinham o desenvolvimento social e econômico na época, e que quase levaram a extinção de algumas espécies de baleias, como a baleia-azul e a franca. O ensaio visa entender a formação de duas cidades que estão ligados diretamente a presença de baleias: Imbituba e Barra Velha. Ambas as cidades catarinenses têm em seu passado algo relacionado com as baleias e que até os dias atuais isso se faz presente e por isso nos propomos a pesquisar. O objetivo geral da pesquisa é Analisar a formação de Barra Velha/SC e Imbituba/SC a partir da caça e exploração das baleias. Realizamos nosso projeto através de fontes como artigos científicos, revistas, jornais e livros contendo dados da época em que a caça predatória acontecia de maneira exacerbada até o início do século XX e contrapondo com o senso comum e outras pesquisas. Como metodologia dividimos em quatro momentos, realizando primeiramente uma pesquisa bibliográfica. Já em uma segunda etapa abordamos o levantamento de informações históricas *in loco*. Na terceira fase foi realizada uma pesquisa nas cidades citadas com os moradores no sentido de verificar se eles conhecem a história local e seus respectivos monumentos ligados a baleia, bem como, a história por trás deles. Por fim, em quarto lugar montaremos um material didático composto com: álbum, vídeo e músicas pedagógicas para facilitar o ensino de história sobre o tema patrimônio e memória e a formação de uma região. Concluímos que Imbituba e Barra Velha têm mais relações em comum do que imaginávamos em relação a caça e exploração das baleias e de fato existem campos de pesquisas para a temática e de que uma educação patrimonial é o caminho para entender o passado, para a compreensão de tais monumentos.

Palavras-chave: Baleias, formação, história, patrimônio e memória

SUMÁRIO

TEMA	4
OBJETIVOS	5
INTRODUÇÃO	6
1 – A HISTÓRIA DA CAÇA E EXPLORAÇÃO DAS BALEIAS: NO MUNDO, NO BRASIL E EM SANTA CATARINA.....	7
2 – METODOLOGIA	17
3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
4 CONCLUSÃO	19
5 REFERÊNCIAS	20

TEMA

TEMA: Pesquisar a Caça e exploração das baleias para entender a formação regional de Imbituba/SC e Barra Velha/SC

DELIMITAÇÃO DO TEMA: A caça e exploração de baleias entre 1850 a 1950: Uma revisão bibliográfica para entender sua exploração e a formação de uma região.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

- Analisar a formação de Barra Velha/SC e Imbituba/SC a partir da caça e exploração das baleias.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Entender os monumentos e patrimônios históricos referentes a baleia e a preservação da história das cidades.
- Compreender os impactos ambientais e as novas formas de tratamento para com estes animais.
- Refletir questões econômicas e o impulso na economia propriamente dita, interferência na população, etc.
- Debater o que está sendo feito para impedir a sua extinção.

INTRODUÇÃO

Em 2015 uma notícia chocou o mundo ambiental, em que o Japão retomava a caça às baleias, atitude esta que havia sido suspensa em 2014. Tal notícia veio acompanhada com a justificativa de que a caça ao maior mamífero do mar era em função de sua importância para a ciência. A notícia nos fez pensar sobre a própria história da caça às baleias em nossa região e qual sua relação com a formação social do povo.

A matança das baleias, com objetivo comercial, começou ainda no século a XII, no Atlântico Norte, Golfo de Biscaia, próximo à costa da Espanha e da França. Esse comércio ganhou vigor com o passar do tempo e no final do século XIX frotas de navios dos Estados Unidos, Noruega, Japão, Rússia e Inglaterra devastavam a população de baleias dos oceanos no hemisfério sul. Por ter altíssimo valor comercial, a baleia era caçada mundialmente, sendo utilizada para muitos fins, como por exemplo, para produção de óleo de baleia, que era utilizado em construções, e em combustão para iluminação. Qual a relação da caça e exploração as baleias com nosso Estado: Santa Catarina?

Santa Catarina tem um potencial turístico em virtude de seu belo litoral de sul a norte. O fluxo turístico anual para Santa Catarina chega até a 21 milhões de visitantes, sendo 95% de origem nacional e 5% de origem internacional. Santa Catarina destaca-se pela qualidade e pela diversidade no turismo, atividade que representa 12,5% do PIB catarinense (PLANO CATARINA, 2014, p. 08). É possível encontrar cidades que além de sua beleza e potencial turístico, apresentam histórias que contribuem para a formação cultural da região.

De modo particular, em algumas das viagens por esta região encontramos duas cidades que trazem monumentos históricos relacionados com a presença de baleias. Diante de tais informações é evidente que decorram muitas perguntas, por exemplo: Por que duas cidades, com cerca de 200 km de distância uma da outra trazem estas semelhanças no que diz respeito às baleias? O que trazem estas construções e quais as similaridades entre estas cidades? Será que isso pode ajudar a explicar a formação destes municípios a partir das memórias e destes monumentos.

Assim, diante de tais problemas propomos um estudo a partir da disciplina de história e de um projeto de iniciação científica para entender a formação e o passado destas cidades em torno das baleias, que de um modo geral estão presentes como símbolos de cidades do litoral de Santa Catarina, tanto no Norte quanto no Sul.

Justifica-se tal estudo porque os monumentos históricos são responsáveis também pela memória individual e coletiva de uma região e que por vezes é esquecida ou silenciada. Outro

ponto importante para a pesquisa é a necessidade de ensinar patrimônio, memória e a formação histórica em torno da realidade dos alunos e dos monumentos, neste caso as baleias e seus símbolos. Isso porque “A memória devolve o que o passado vislumbrou e o presente esqueceu. A memória vigia os vencidos” (BOSI, 2015, p.8); Já patrimônio cultural é o conjunto de bens, de natureza material e/ou imaterial, que guarda em si referências à identidade, a ação e a memória dos diferentes grupos sociais. Complementa Bosi (20015).

Utilizamos como fontes: artigos científicos, revistas, jornais e livros, testemunhos através da oralidade e a busca por informações nos lugares de memória, bem como, pesquisas em torno destes patrimônios. Nossa pesquisa tem como objetivo geral: entender a relação e formação de duas cidades, mediante a presença monumentos históricos relacionados a baleia. Nossa hipótese é de que são poucas as pessoas que conhecem as histórias de suas cidades e sabem a importância de entender seus patrimônios históricos e suas próprias histórias.

1 – A HISTÓRIA DA CAÇA E EXPLORAÇÃO DAS BALEIAS: NO MUNDO, NO BRASIL E EM SANTA CATARINA.

Como referencial teórico para discutir a caça e exploração da baleia no mundo temos como norte o trabalho: “Histórias conectadas por mares revoltos: uma história da caça de baleias dos Estados Unidos e no Brasil (1750-1850) de Wellington Castelluci Junior. A pesquisa enfoca, de maneira comparativa, a caça de baleia na costa atlântica dos Estados Unidos e do Brasil, entre os séculos XVIII e XIX, segundo o autor:

No limiar do século XVIII, a atividade baleeira no Brasil colonial e na pequena Ilha da Nova Inglaterra, de nome Nantucket, alcançaria o seu apogeu. Já na colônia lusitana ela foi introduzida primeiramente em Itaparica, maior Ilha da baía de Todos os Santos, nos primeiros anos do século XVII, quando a Coroa Ibérica (época da união entre Portugal e Espanha), por meio do Rei Felipe III, autorizou, em 9 de agosto de 1602, os biscainhos Pêro de Urecha e o seu sócio Julião Miguel a caçar baleias em costas brasileiras pelo prazo de dez anos, a partir do dia de São João daquele ano até 1612.(CASTELLUCI JUNIOR, p. 5, 2015)

O autor menciona em sua pesquisa que a Coroa buscava aproveitar a longa tradição e a experiência dos baleeiros biscainhos para implantar uma atividade econômica lucrativa, na colônia americana. Atividades que têm semelhanças e singularidades, em Nantucket, (ilha situada à frente da cidade litorânea de New Bedford) localizada na colônia de Massachusetts.

A história da baleação surgiu décadas mais tarde, idealizadas pelos colonos nativos, por volta de 1690 e após tentativas frustradas, que pequenos baleeiros finalmente introduziram a arte de arpoar baleias. Isso ocorreu por meio de um contrato feito com um especialista procedente de Yarmouth (Nova Escócia), que estava em Cape Cod, Massachusetts. Três décadas

mais tarde, aproximadamente 30 barcos dos ilhéus já estavam envolvidos na caça costeira de baleias, como faziam os britânicos estabelecidos em Cape Cod e no extremo leste de Long Sland desde a década de 1650, quando comerciavam óleo e ossos de baleia para Boston e Nova York. Dessa época em diante, tanto em Itaparica quando em Nantucket, baleeiras caçaram espécies de cetáceos nas respectivas costas atlânticas durante um longo tempo. As suas histórias apontam mudanças, permanências e singularidades no método de capturar, processar e comercializar os seus derivados. O que era similar e o que era diferente nas duas promissoras ilhas atlânticas na atividade da baleação ao longo dos séculos XVIII e XIX, quando a economia capitalista se internacionalizava e quando o tráfico de escravos caminhava para o fim nos EUA (ela foi abolida legalmente em 1807), embora persistisse no Brasil por mais algum tempo.

1.1 CAÇA AS BALEIAS NO BRASIL

No Brasil, em 1912, surgiu a primeira empresa nipo-brasileira de caça/pesca, a COPESBRA (Companhia de Pesca do Norte Brasileiro), influenciada pela Nippon Reizo Kabashiki Kaisha, do Japão.

Localizada no nordeste brasileiro, mais precisamente em Costinha - Paraíba, a COPESBRA iniciou suas atividades, abolindo minimamente o mercado de trabalho, com 134 Vagas de emprego para brasileiros. No entanto os japoneses tomaram conta de vagas superiores a estas, e com salários até em média 40% mais altos que os brasileiros, como mostra a tabela abaixo. Isto indica que a empresa baleeira brasileira foi submetida a um processo colonial, considerando que era gerenciada por japoneses mesmo em território brasileiro. Com o passar do tempo a empresa expandiu-se pela costa brasileira, por estados como SP, RJ, SC e outros. De acordo com a tabela 01 encontramos dados quanto ao número de empregados

TABELA 01 – Números de empregados da COPESBRA EM 1912

Empregados Brasileiros	Empregados Nipônicos	Níveis de Salário (Cr\$)
123	1	Menos de 5.000,00
8	2	5.000,00 a 10.000,00
3	2	10.000,00 a 20.000,00
—	7	20.000,00 a 30.000,00
—	4	30.000,00 a 40.000,00
—	2	40.000,00 a 50.000,00
—	2	Mais de 50.000,00
TOTAIS 134	20	

FONTE: PALAZZO, p.26 1983.

Os materiais extraídos da baleia eram vendidos livremente no mercado, como óleo para iluminação, construção, ossos para objetos em geral, barbatanas e barba, entre outros. Já a carne não era tão apreciada pelos brasileiros por conter gordura em excesso. Segundo Ellis (1968) a carne era dada a escravos e pobres da época, porém isso não se pode afirmar considerando a contradição de outro arquivo que diz que era uma carne consumida por nobres. Ou até mesmo lendas que diziam que por serem carne de nobre eles a doavam a pobres e escravos, pois acreditavam que com o ato de bondade a caça do ano seguinte seria abundante, e caso a ganância falasse mais alto, ocorreria o inverso da situação.

Mesmo sob influência e administração japonesa, a economia gerada pela caça não foi suficiente para sustentar a COPESBRA, a qual teve falência em 1985 após o decreto de proibição da caça. Já, do lado ambiental as baleias eram vítimas inofensivas dos humanos, que as matavam sem dó. Agora porque tanta crueldade com às baleias? Davis (1976) aponta os valores que estes animais têm e que não merecem tais atitudes humanas.

As baleias são criaturas magníficas com cérebro extraordinário talvez até superior ao do homem. Criaturas que possuem uma linguagem. Têm um cérebro de tal modo desenvolvido que se pode constatar o estado emocional de cada uma delas por meio de seu sistema de ecos sonoros. Falam. Compreendem-se. Navegam. Localizam os alimentos. E tudo na mesma hora. Não conhecemos nenhum outro cérebro capaz de entregar-se a tantas funções ao mesmo tempo. Trata-se de cérebros. Que tiveram 50 milhões de anos para evoluir. São as mais afáveis, gentis e bem-humoradas criaturas que esse mundo desgraçado já conheceu. Criaturas que podem nos matar com um golpe de sua cauda, mas que. Deixam-nos ter relações sexuais em suas costas e brincar conosco. Adoram brincar com os homens. Que imenso coração elas têm. (DAVIS, p. 123. 1976)

A caça e exploração as baleias no litoral brasileiro era muito apreciada, tanto para moradores locais como para turistas, que se juntavam em morros, praias ou até nas janelas de suas casas para assistir ao massacre. Nos litorais da Bahia, Pernambuco e Santa Catarina é onde mais existem registros de caça, estes registros foram encontrados em notas dominicais de Tollenare em sua viagem de retorno a Portugal em 1816. Um dos espetáculos mais interessantes que merece destaque é o da pesca da baleia na Bahia. Esta pesca se faz no meio dos navios fundeados diante da cidade. Pode-se apreciá-las das janelas de casa; mas, para melhor conservá-la cumpre transportar-se à praia que separa a cidade Do cabo de Santo Antônio. Menciona Tollenare (1816).

Segundo relato de Myriam Ellis, a baleia era totalmente utilizada, seu óleo era resultado do derretimento de sua gordura e era utilizado na iluminação pública e também como ligante na argamassa, seu toucinho também abastecia as lamparinas e continha uma substancia que tratava o reumatismo e alguns problemas de pele, sua ossada era utilizada como cercas de casas,

objetos de decoração e etc., sua carne era depreciada e por isso servia para alimentar os escravos e conforme uma antiga lenda da Bahia se o contratador fosse um caridoso e bom cristão dando a carne aos pobres a pesca seria abundante no ano, caso contrario a pessoa frustrar-se-ia.

Segundo os registros oficiais da Internacional Whaling Statistics no século XX a caça das baleias assumiu proporções até então inigualáveis.

TABELA 02- Número de baleias mortas entre 1900 à 1965.

Ano	Baleias abatidas
1900	1645
1905	4592
1910	12301
1915	18320
1920	11369
1925	23253
1930	37812
1935	39311
1938	54835
1951-52	49794
1956-57	58990
1961-62	66090
1964-65	64680

Fonte: Whaling Statistics *apud* Braga, p.14, 2013

Em 1982, um acordo em função da cessação da atividade de caça às baleias foi fechado com países de todo o mundo que praticavam a caça às baleias, por meio da IWC (Internacional Whaling Commission, ou CIB – Comissão Internacional de Baleação). Porém, alguns países (Brasil, Islândia, Japão, Coreia, Noruega, Peru e União Soviética) alegaram importância econômica desta prática, com isso buscaram leis que os permitissem continuar com a caça, e o conseguiram. Contudo, nenhum deles permitiu que pesquisadores “ desconhecidos” realizassem pesquisas e estatísticas em relação à validade destas afirmações quanto à economia.

Esse cenário só começou a mudar a partir dos anos 70, onde começaram os movimentos ecologistas que queriam alertar as pessoas para a importância da preservação da natureza e dos animais. Com isso, o Brasil colocou em virtude uma lei que protege os cetáceos. A atual Constituição Federal, proclamada no ano seguinte à Lei dos Cetáceos garantiu a proteção de todos os animais que compõe a fauna brasileira silvestre doméstica e domesticada assim com os aquáticos e migratórios vedando expressamente A prática da crueldade em seu artigo 225 par. 1º, inciso VII.(CF/88)

Fica proibida a pesca, ou qualquer forma de molestamento intencional. De toda espécie de cetáceo nas águas jurisdicionais brasileiras. Pena- de 2 (dois) a 5 (cinco) anos de reclusão e multa com perda da. Embarcação em favor da União, em caso de reincidência. (CF/88)

1.2 CAÇA AS BALEIAS NO LITORAL DE SANTA CATARINA

A caça às baleias foi uma importante atividade econômica no Brasil Colônia, porém, Santa Catarina teve sua primeira armação baleeira em 1742, na cidade denominada Celso Ramos. Foi também chamada de Nossa Senhora da Piedade, houve outras armações sendo construídas em direção ao extremo sul do país até o ano de 1796, em Imbituba, onde está localizada uma armação.

Porém a caça não foi desenvolvida e praticada por anos apenas pela carne, e sim pelos tantos materiais que um enorme cetáceo como os abatidos forneciam, como ossos, gordura, barbatanas, etc.

Embora em outros locais do Brasil a baldeação tenha evoluído suas maneiras de abater as baleias, como o uso dos canhões explosivos, no litoral catarinense parece que essa tecnologia não foi tão aproveitada, o que se tinha eram que pequenos barcos, que perseguiram e perfuravam os cetáceos com arpões de cerca de 2 metros, então ao arpoar o animal, ele sangrava até a morte. E como a costa sul brasileira possui águas quentes e um belo centro de reprodução, os filhotes acompanhados de sua mãe eram arpoados e conseqüentemente mortos, tudo então ajudou na redução do número de baleias em nosso litoral.

Outro estudo que também pesquisou sobre como a atividade de caça às baleias contribuiu tanto em quesitos históricos, econômicos e sociais, entrevistou 520 pessoas entre pescadores turistas, moradores e antigos caçadores, que moravam em Imbituba e com esses dados chegaram a várias conclusões de que o fim da caça teve sim aliados, como, por exemplo, ambientalistas, mas, por outro lado, houve pessoas que apoiavam o ato da caça desregrada as baleias por motivos egoístas, tais como atrapalhar a pesca por se enrolarem nas redes, e também por crerem que elas consumiam os peixes todos (lembrando que estes cetáceos se alimentavam de algas e plânctons, e não de peixes em si), fazendo com que reduzisse os peixes dos quais os pescadores se interessavam.

A prática da caça no litoral sul foi se alastrando de pouco em pouco, sendo um processo longo assim como o povoamento desses lugares. A caça no sul do país só foi deflagrada no ano de 1796, por Marquês de Pombal, sendo que a quarta armação baleeira no Sul foi a de Imbituba, de Pedro Quintela e João Ferreira Sola com o fim de pagar a taxa de exploração à Coroa Real. As baleias capturadas eram rebocadas para barracões para serem retalhadas. Seu couro era arrancado para que

fosse retirado o toucinho, dali o toucinho era derretido em caldeiras. Os destinos finais do óleo já refinado era a iluminação pública e as fabricas de curtição de couro. A borra do óleo, segundo Bittencourt, também era usado na liga de argamassa. o século XVI nas construções do litoral do Brasil, como aglutinante que petrificava a argamassa quando seca pela combinação da matéria graxa animal com a cal cristalizada à ação da água salgada (BITTENCOURT, 2005, p. 120)

Os trabalhadores nas armações variavam entre empregados e escravos, já que muita vinha ainda muita mão de obra barata dos navios negreiros. "Contratantes compravam escravos no Rio de Janeiro vindos de embarcações negreiras envolvidas no tráfico, principalmente para o período de safra. Quando não suficientes outros donos de escravos os alugavam para desempenharem funções como: limpeza de reservatórios de azeite, corte de baleia e árvores, aquecimento das fornalhas, derretimento do toucinho, limpeza e organização do barracão e da senzala."¹ Estes, como se pode imaginar, raramente conseguiam conquistar um cargo menos desgastante, como o de timoneiro. Segundo Neu, há um registro de 525 escravos nas armações baleeiras catarinenses. . Neste contexto de empreendimento, (PRADO Jr., 1999:217) afirma:

A pesca da baleia teve na colônia seus dias de grandeza. Em paralelo com a instalação do governo da Capitania de Santa Catarina, apareceu no litoral o primeiro núcleo baleeiro e foram criadas seis armações: Piedade, na entrada setentrional na Ilha (1746); Lagoinha, costa oriental da ilha (1772); Itapocoróia (1777); Garopaba (1795); Imbituba (1796); finalmente a da Ilha da Graça, na entrada do canal de São Francisco (1780), que foram cedidas a concessionários privilegiados. A atividade pesqueira foi grande e a renda dos contratadores era compensadora.

Sabe-se que a caça às baleias teve seu ápice entre os séculos XVI ao XX em Imbituba, e que fora esse processo que impulsionou o desenvolvimento socioeconômico de certas cidades litorâneas da região sul do país. Os espécimes de baleia franca procuram essa região para "dar a luz e amamentar seus filhotes"¹ e eram emboscados pelos caçadores da região. Ao contrário que muitos pensam, a caça às baleias não trouxe benefício real aos os caçadores, apesar de ainda ser um fator muito importante para as regiões litorâneas do sul do Brasil. "Diante da degradação do planeta desencadeada pela ação antrópica nas últimas décadas, as questões referentes à temática ambiental têm sido um dos principais temas na estrutura da educação ambiental, tornando necessária sua inserção em instituições de ensino, como em escolas e universidades.

Depois de mais de 400 anos de exploração às baleias, percebeu-se um grande colapso na fauna marinha do litoral brasileiro. Tal colapso gerou uma grande conscientização no Estado Brasileiro, tanto que há uma intervenção contra o desgaste da natureza que se mostra na formação escolar do nosso sistema de educação. "Segundo o Instituto Brasília Ambiental (IBRAM, 2012), a Educação Ambiental pode ser entendida como um processo "por meio do qual o indivíduo e a coletividade

constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade”.

Logo percebe-se que um dos passos dados na luta contra a degeneração da fauna marinha brasileira, é a própria conscientização nas escolas e o exercício da cidadania. Esse método se mostra muito promissor, já que, de acordo com uma pesquisa realizada em Imbituba, cerca de 80% dos jovens de lá acham que essa questão ambiental é muito importante, enquanto apenas 20% se mostra despreocupados em relação ao assunto.

1.3 FORMAÇÃO REGIONAL E SÍMBOLOS DA BALEIA

O município de Barra Velha, localiza-se no litoral Norte do estado de Santa Catarina (, a aproximadamente 130km de Florianópolis e a 37Km de Itajaí. Possui uma área total de 278Km² e suas principais atividades econômicas são o turismo, agricultura (bananicultura e rizicultura) e a pesca. Foi emancipado de Araquari/SC, em 1961. A ocupação da área que hoje pertence ao município remonta ao período pré- colonial. Existem vestígios arqueológicos (sambaquis) que comprovam a presença de grupos coletores, caçadores e seminômades. (BOER, 1992). Apesar de ser caminho das expedições de exploração europeias, Barra Velha só foi colonizada a partir de 1812, graças à pesca da baleia e à vinda dos primeiros imigrantes açorianos. Mais importante reduto de pesca da baleia do litoral catarinense, a cidade já pertenceu a São Francisco do Sul, sendo elevada a distrito em 1861. Sua emancipação política só aconteceu 100 anos depois

A pesquisa realizada por Machado (2013) mostra que as primeiras instalações construídas em Barra Velha estavam, particularmente, ligadas à atividade pesqueira (caça) de baleias. Das quais se extraía a gordura para produção de óleo, destinado a construção civil e à iluminação em casas e ruas. Isso data de 1812 quando D. João VI incentivou a vinda de pescadores portugueses e açorianos para a produção de óleo de baleia.

Foi a pesca à baleia, que, pode afirma-se, motivou o povoamento de Barra Velha SC. Nesta atividade, a um tempo rendosa e perigosa, destacou-se, já primórdios do século XIX, o português Joaquim Alves da Silva, que residia em Armação¹ de Itapocoroí. Com o óleo da baleia à cuja caça dedicava-se o lusitano supracitado, era de importância, aquela, para a iluminação pública, foi o mesmo recompensado pelo Governo que lhe doou largo trato de terras

¹ A armação baleeira era uma instalação litorânea estruturada para a pesca ou caça às baleias e o processamento dos seus produtos, especialmente o óleo. No Brasil existiu desde o início do século XVII até meados do XIX (<http://pt.wikipedia.org>, consultado em 20/09/2016).

em Barra Velha. Joaquim Alves, ocupou logo as terras que ganhara. Assim nascia a cidade, cujo povoamento foi se desenrolando vagarosamente de acordo com Machado (2013).

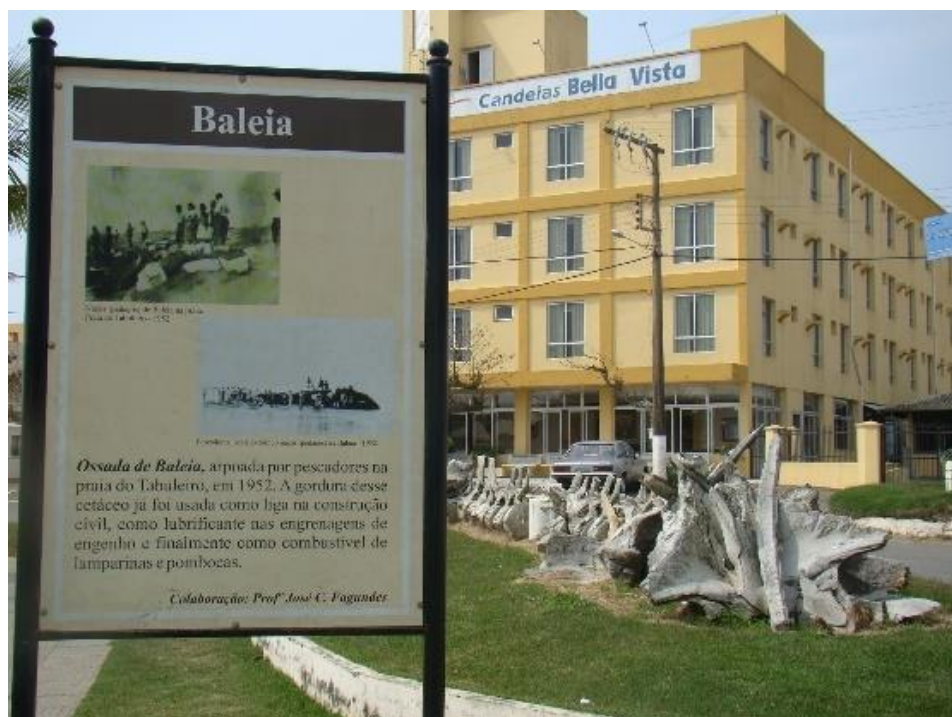
FIGURA 01 - Barra Velha - Década de 1960



Fonte: Prefeitura Municipal (2016).

Na figura 01 percebemos Barra Velha em 1960, na foto na parte inferior central podemos perceber a presença de uma baleia que está no local até os dias atuais, conforme figura 02. Podemos identificar ainda que em Barra Velha há um hotel que traz alusão a uma baleia, conforme figura 03. Em um primeiro momento percebe-se que a cidade preserva a história de um passado relacionado a caça e exploração das baleias.

FIGURA 02 - Barra Velha - Década de 1960



Fonte: Dados de pesquisa (2016).

FIGURA 03 - Barra Velha - Década de 1960



Fonte: Dados de pesquisa 2016).

A instalação da Armação de Imbituba ocorreu em 1796, no distrito da freguesia de Sant’Ana de Vila Nova, junto à Ponta de Imbituba, com condições favoráveis à atracação de barcos e à pesca de baleia. Conforme relatos de (CABRAL, 1970:44), “Imbituba era a terra capaz de comportar muitos milhares de moradores e, por isso, seria conveniente povoá-la. A sua lagoa era tão abundante de pescado, a vila era habitada por poucos moradores e anualmente saiam 3 a 4 embarcações carregadas de peixe salgado”. A armação em Imbituba foi fundada por Pedro Quintela e João Ferreira Sola, os quais pagavam uma taxa de exploração à Coroa portuguesa. Os lucros eram compensadores. Baleias de grande porte eram arpoadas quase semanalmente e rebocadas para os barracões, onde se procedia ao retalhamento e retirava apurado tinha dupla utilidade: era usado para iluminação pública das poucas cidades brasileiras, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo; ou destinada às construções de fortalezas e sobrados, oferecendo cimento, inexistente na época. As barbatanas encontravam excelente mercado na França. Conforme menciona (CABRAL, 1970:48),

Imbituba hoje é uma cidade do litoral do Estado de Santa Catarina com aproximadamente 40000 habitantes. A paisagem fantástica faz-nos sentir dentro de um cartão postal.

A vida apressada e de trabalho intenso devido a prosperidade que seu porto traz para a cidade e região possui belas praias, mas dispõe de modesta estrutura gastronômica e turística que contudo não deixa nada a desejar aos grandes destinos turísticos. Imbituba é a Capital Nacional da Baleia Franca: isso fica evidenciado quando se chega a cidade e por diversos lugares da cidade você se depara com uma baleia, ou monumento, uma imagem ou até mesmo um museu. Conformes imagens de 04 à 08.

Através do Projeto Baleia Franca, um importante projeto de conservação marinha, a cidade de Imbituba é reconhecida como a capital brasileira das baleias. Anualmente as baleias francas fazem do litoral de Imbituba sua mais importante área de reprodução em águas brasileiras. O turismo de observação de baleias é um dos pontos altos em Imbituba na época do inverno. São com mamíferos de até 18 metros de comprimento e até 60 toneladas.

FIGURA 04 – Imbituba - Entrada Praia da Vila – Baleia no fundo da placa e uma alusão na placa



Fonte: Dados de pesquisa 2016.

FIGURA 05 – Imbituba - Hotel cujo símbolo é uma baleia - Fonte: Dados de pesquisa 2016.



FIGURA 06 – Imbituba - Baleias na Praia da Vila.



Fonte: Dados de pesquisa 2016.

2 – METODOLOGIA

A pesquisa foi pensada em quatro momentos, realizamos primeiramente uma pesquisa bibliográfica, onde consultamos literaturas sobre o tema e artigos publicados, o que possibilitou sua fundamentação. Já em uma segunda etapa abordamos o levantamento de informações históricas em campo. Pesquisamos os monumentos históricos presentes nas cidades sobre a baleia, para entender a preservação da história e sua relação espaço e sociedade com seu passado. Também adotamos um questionário para contextualizar o assunto diante de três perguntas sobre patrimônio, memória e ensino. Na terceira fase foi realizada uma pesquisa nas cidades citadas com os moradores no sentido de verificar se eles conhecem a história local e seus respectivos monumentos ligados a baleia, bem como, a história por trás deles. Por fim, em quarto lugar (em andamento) montar um material didático composto com: álbum, vídeo e músicas pedagógicas para facilitar o ensino de história sobre o tema patrimônio e memória e a formação de uma região.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma revisão bibliográfica sobre a temática percebemos que são significativos os trabalhos que mencionam a caça e a exploração das baleias. Todavia, não encontramos trabalhos que relacionam há uma necessidade de educação patrimonial, ou estudos de caso específicos como o que propomos que é entender a formação de duas cidades distintas e separadas regionalmente a partir da caça e exploração das baleias. Percebemos alguns acervos iconográficos, conforme figura 07 que liga diretamente as cidades pesquisadas aqui: Imbituba/SC e Barra Velha/SC. Pescadores de Imbituba Arpoando baleias em Barra Velha/SC. Entretanto, não há relação com estudos sobre os monumentos (relacionado as baleias) e suas concepções históricas.

FIGURA 07 – Baleia arpoada por pescadores de Imbituba. Praia do Tabuleiro (Barra Velha) em 1952



Fonte: Blog Cacahistória

Em um pesquisa preliminar para perceber o entendimento dos alunos sobre o assunto: monumentos e patrimônios históricos, realizamos um questionário para verificar se conheciam também os patrimônios locais em Barra Vella e Imbituba, além verificar se eles gostariam de ter aula sobre o assunto. Constatamos que 82% dos entrevistados disseram que conhecem sobre o tema patrimônio histórico e memória. Todavia, 78% não conhecem nenhum patrimônio histórico nas cidades citadas e que ainda 54% mencionaram que não gostariam de ter aula sobre a temática. Uma leitura possível para tais dados é de que eles não tem um contato direto sobre o assunto e nem tem ideia do que se trata. Fica evidente que o assunto é algo fora da realidade por isso a necessidade e materiais mais pedagógicos sobre o assunto, conforme aponta Bittencourt.

Com base na fundamentação teórica e na minha experiência, posso afirmar que o aluno pode gostar de trabalhar a história, basta que ele se sinta parte integrante da história, e foi isso que aconteceu. Ao procurar os objetos, os alunos entraram em contato com as histórias de suas famílias. (BITTENCOURT, 2005, p. 147)

Diante de tais dados fomos in loco pesquisar os monumentos históricos e fontes iconográficas preservadas relacionando-as neste caso as baleias em ambas cidades. Percebemos alguns patrimônios que remetem há uma memória coletiva e justamente a relação das cidades pela prática de caça às baleias com o presente. Isso ficou demonstrado na figura 01 de uma baleia justamente no centro da cidade de Barra Velha/SC, OU a figura 06 referente a Imbituba/SC.

Percebemos que dois Hotéis, conforme figuras 03 e 05, em ambas as cidades têm uma baleia como parte da fachada. A representação de monumentos para se preservar o passado se faz presente sim nas cidades. Em virtude disso, encaminhamos a pesquisa para saber se as pessoas das cidades sabem a relação de tais monumentos. Em um questionário perguntamos: Você sabe a origem de sua cidade? Caso sim teria que dizer o motivo. Vocês sabem porque há presença de baleias (monumentos) em suas cidades e qual a relação?

Com isso, optamos em nos aproximar do cotidiano das pessoas através da memória individual/coletiva, pois, entendemos a memória como “uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p.125), além disso, consideramos que a memória tem a capacidade de retroceder o passado para o presente. Após a pesquisa chegamos ao um dado que 82% das pessoas não sabem a origem da formação de sua cidade, nem tampouco que aquela cidade havia ocorrido

pesca á baleias. Já em Imbituba após a pergunta: Qual a relação de Imbituba com as baleias? 46% afirmaram que em Imbituba houve caça às baleias. Entretanto, não relacionam os monumentos a essa atividade. Para eles Imbituba tem suas baleias porque ainda hoje muitas delas visitam o litoral Imbitubense em uma época do ano. Os patrimônios para os moradores em ambas as cidades têm uma relação mais com o turismo do presente, que com seu passado de caça baleeira. Ou seja a memória coletiva está se perdendo.

A memória organizadíssima (POLLAK, 1992) ou nacional/regional representa para o Estado um importante elemento no interior do aparato que lhe serve de aporte. De modo geral, o Estado a região necessita de pilares de sustentação, de fortalecimento; isso é garantido por meio do estabelecimento da unidade, da coesão, e de uma espécie de amálgama que una as partes formando, construindo e tecendo a nação. Em nenhum monumento há indicativo que ali naquela cidade houve uma armação de caça às baleias .

[...] dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992).

Com os resultados percebe-se a necessidade de uma educação patrimonial, com atividades que possam evocar cada vez esse passado, pois como já mencionamos Bosi A memória devolve o que o passado vislumbrou e o presente esqueceu ou conforme Pollak a memória é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa Por isso que por fim da pesquisa um material didático de patrimônio e memória da história de ambas cidades que estão unidas em seu passado em torno da pesca à balei resultado esse que conseguimos comprovar com essa pesquisa.

4 CONCLUSÃO

Após a realização de nossa pesquisas nossa hipótese foi confirmada e um de nossos objetivos tornam-se indispensáveis. Uma educação patrimonial a partir de materiais lúdicos e uma contextualização do passado faz-se necessária e após nossa pesquisa isso será possível com os resultados obtidos como nossa pesquisa. Tanto os alunos como os moradores desconhecem seus patrimônios, bem como, seu passado.

Percebemos que a história de duas cidades, mesmo distante geograficamente, relacionam-se pela caça e exploração as baleias e que suas formações estão ligadas diretamente

com tal atividade. Constatamos que poucas pessoas desconhecem seus patrimônios, mas em ambas as cidades são diversos monumentos históricos que relacionam as baleia e que indiretamente a história é preservada. Algumas memórias individuais existem sobre o passado de tal atividade e precisam sim ser registradas e preservadas, para que a história não se perca.

Entendemos que Imbituba e Barra Velha têm mais relações em comum do que imaginávamos e existem sim campos de pesquisas para a temática e de que uma educação patrimonial é o caminho para entender o passado, para a compreensão de tais monumentos. Por fim os ganhos obtidos com o projeto em si e as relações dos alunos com as práticas desenvolvidas ao longo do processo através de uma educação patrimonial são imensuráveis.

5 REFERÊNCIAS

- BITENCOURT, Marcello. Memória e Identidade. Tempo Brasileiro (95). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005
- BOER, P. Barra Velha através dos tempos. Barra Velha: Art& Texto Editora Ltda., 1992.
- BOSI, Alfredo. Dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina. Rio de Janeiro: Laudes. 1970.
- CASTELLUCCI JUNIOR, W. Pescadores e roceiros. São Paulo/Salvador: Fapesb/AnnaBlume, 2008.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1995
- DAVIS, John Gordon. *Leviatã*. Trad. Osmar Barbosa e Rogério Andrade. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- ELLIS, Miriam. A baleia no Brasil colonial. São Paulo: Edusp, 1968.
- MACHADO, Cristina Buratto Gross. O território da pesca artesanal em Barra Velha/SC: colônia Z4 entre a tradição e a modernidade. Dissertação de Mestrado. Programa de pós Graduação em Geografia. Guarapuava: UNICENTRO, 2013.
- MELVILLE, Herman. Moby Dick ou a baleia. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- PALAZZO, José Truda. A Caça de Baleias no Brasil. Porto Alegre. 1983.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Vértice, v. 2, n. 3, 1989.
- PRADO, Caio Jr. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Contexto.1999.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação. Plano estadual de educação: a sociedade construindo a educação dos catarinenses. Florianópolis: SED, 2014.

TOLENARE, J. F. *Notas dominicais tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil. 1816.*